

# O RETORNO DE BRASILEIROS DO PARAGUAI: REDES NA DINÂMICA DA FRONTEIRA

The Return of Brazilians from Paraguay: networks in the dynamics of the border

El Retorno de los Brasileños del Paraguay: redes en la dinámica de la frontera

DOI 10.55028/geop.v18i35

Vanucia Gnoatto\*

**Resumo:** O artigo analisou a presença de redes na migração de ida e, principalmente, de retorno de brasileiros na fronteira, buscando compreender a importância das redes na dinâmica da fronteira nesses deslocamentos. Trata-se de um estudo de história oral, baseado em entrevistas semiestruturadas realizadas na região fronteira de Brasil e Paraguai. Como resultado, identificamos, nos casos analisados, que as redes influenciaram de distintas formas a emigração voltada à atividade agrícola. Já no retorno, observou-se a atuação das redes com maior ênfase na busca por recursos sociais na região de fronteira, mostrando o protagonismo dos retornados nesse espaço estratégico para o estabelecimento.

**Palavras-chave:** Retorno, Redes, Fronteira.

**Abstract:** The article analyzed the presence of networks in the outward and, mainly, return migration of Brazilians at the border, seeking to understand the importance of networks in the dynamics of the border in these movements. This is an oral history study, based on semi-structured interviews carried out in the border region of Brazil and Paraguay. As a result, we identified, in the cases

## Introdução

O presente trabalho analisa a noção de redes nos processos migratórios de ida de brasileiros ao Paraguai e, mais especificamente, de retorno na fronteira entre Brasil e Paraguai, em um período que abrange meados da década de 1970 até 2021, quando nossos entrevistados emigraram para o Paraguai e a grande parte destes retornaram ao Brasil para municípios fronteiriços. Nessas migrações de retorno, buscaremos identificar qual é o papel das fronteiras na reconfiguração dessas redes.

O grupo de entrevistados/as<sup>1</sup> é distinto em classe social, gênero, raça/etnia e região. Esses migrantes têm como lugares de origem os estados de Minas

\* Licenciada em História e Mestra em História Regional pela Universidade de Passo Fundo. Doutoranda em História Regional pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo. Bolsista Prosuc - Capes. vanuciagnoatto@gmail.com.

<sup>1</sup> Mesmo tendo o consentimento de nossos entrevistados, optamos pela utilização de nomes fictícios para assegurar uma discrição de nossas fontes.

analyzed, that networks influenced emigration focused on agricultural activity in different ways. Upon return, networks were seen to be acting with greater emphasis on the search for social resources in the border region, showing the protagonism of returnees in this strategic space for establishment.

**Keywords:** Return, Networks, Border.

**Resumen:** El artículo analizó la presencia de redes en la migración de ida y, principalmente, de retorno de brasileños en la frontera, buscando comprender la importancia de las redes en la dinámica de la frontera en estos movimientos. Se trata de un estudio de historia oral, basado en entrevistas semiestructuradas realizadas en la región fronteriza de Brasil y Paraguay. Como resultado, identificamos, en los casos analizados, que las redes influyeron de diferentes maneras en la emigración centrada en la actividad agrícola. Al retorno, se observó que las redes actuaron con mayor énfasis en la búsqueda de recursos sociales en la región fronteriza, mostrando el protagonismo de los retornados en este espacio estratégico de establecimiento.

**Palabras-clave:** Devolver, Redes, Frontera.

Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná. No Paraguai, viveram ou vive em distritos fronteiriços do Departamento de Alto Paraná. No lugar de retorno, esses migrantes vivem nos municípios fronteiriços de Foz do Iguaçu, Santa Terezinha de Itaipu e São Miguel do Iguaçu na região Oeste do Paraná.

Trata-se de um estudo de história oral, realizado com imigrantes que vive ou que retornaram do Paraguai, estabelecidos em região de fronteira, que compreende os distritos fronteiriços paraguaios e municípios brasileiros fronteiriços do estado do Paraná. As entrevistas foram realizadas de forma presencial, mediante pesquisas que fazem parte de projetos maiores<sup>2</sup>, na fronteira entre os dois países, no período entre julho de 2018 a janeiro de 2023. Em formato semiestructurado, estas foram realizadas com o auxílio de uma rede de contatos que intermediou o acesso aos entrevistados.

Quanto à entrevista em si, para Silva (2010, p. 27) ela atinge “o percurso geográfico das pessoas” e, principalmente, as motivações para as migrações. Isso possibilita um maior conhecimento dos lugares geográficos onde os entrevistados viveram, tornando possível também perceber a presença das “redes de parentesco”, muitas vezes “decisivas para a sobrevivência familiar ou a

<sup>2</sup> Tanto para a dissertação de Mestrado, intitulada “Migrações, trajetórias, “retornos: imigrantes brasileiros no Paraguai (1970-2020)” como para a elaboração da tese de Doutorado em História, ainda em andamento.

mobilidade social”. Por meio do *récit de vie*, é possível compreender porque as pessoas partiram, porque elas voltaram, ou porque elas permaneceram no lugar de origem” (Silva, 2010, p. 27).

Dessa forma, organizamos o nosso trabalho em três partes. Na primeira seção, buscaremos fazer uma breve conceituação dos termos “redes”, “fronteira” e “migração de retorno”, que nortearam a análise sobre as vivências relatadas. Na segunda seção, analisaremos a emigração ao Paraguai, articulada por redes dentro do contexto de avanço da fronteira agrícola. Na terceira seção, nos centraremos na análise sobre o retorno para a região fronteiriça, articulado por redes, buscando perceber a importância da fronteira como meio de acesso aos recursos sociais para esses retornados.

## Redes, migração de retorno e fronteiras

As redes ao longo da história estão constantemente presentes nos processos migratórios. Nos casos apresentados pelos relatos que analisaremos, veremos a existência de redes familiares, redes sociais (amigos e vizinhos) e redes ligadas à informação ou propaganda sobre oferta de terras. Num primeiro momento, observa-se as redes transnacionais que oportunizam trabalho e acesso à aquisição de terras na fronteira oriental paraguaia. Já em um segundo momento, na migração de retorno, vemos as redes transfronteiriças, oportunizando um retorno e estabelecimento na fronteira do lado brasileiro, espaço atrativo pela proximidade e estratégico pelos recursos sociais existentes desse lado da fronteira.

As redes podem ser definidas como “vínculos construídos nas interações; pressupõem enlace entre presença e ausência, proximidade e distância; envolvem compartilhamento de afeto, apoio e conhecimento tácito” (Freire-Medeiros; Lages, 2020, p. 134). Para Tedesco (2022), geralmente as redes mostram “interesses, estratégias, otimização de fatores”. Dessa forma, “demonstram que imigrantes são também sujeitos e atores de um amplo processo relacional e intencional que os mobiliza nos espaços e que demonstra o dinamismo da migração e dos imigrantes na sua dimensão internacional” (Tedesco, 2022, p. 288).

Segundo a geógrafa Santos (2021, p.69), “a rede é sobretudo uma relação social, que prescinde do território como lugar do seu acontecimento e movimento”. Atualmente, as migrações, segundo Saquet e Mondardo (2008), tendo por base Haesbaert (2006), criam uma “experiência integrada” do espaço, dinâmica que acontece quando os imigrantes estão articulados em redes, através de diversas relações que abarcam o local e o global por muitas vezes. Nos territórios de origem e de destino, existem múltiplas relações e vínculos criados pelos migrantes quan-

do realizam suas trajetórias e quando se reterritorializam. Assim, na migração, a construção dos territórios “passa por uma dinâmica em redes que conectam diferentes nós interligados através do vínculo e dos contatos estabelecidos” (Saquet; Mondardo, 2008, p. 120).

As redes possuem essa dinâmica de interligar espaços envolvidos na migração dos sujeitos, envolvendo dois ou mais lugares. Nessa visão transnacional, como Sayad (1998) observa a migração afeta tanto espaços de origem como destino, mostra a dualidade do sujeito que ao mesmo tempo é emigrante, quando sai de sua pátria, e é imigrante, quando chega a novas terras. Dessa forma, a migração é entendida como um “fato social completo”, pois o indivíduo é denominado imigrante pela sociedade a partir do momento em que ele chega a um novo território (Sayad, 1998, p. 16). Além disso, a dinâmica migratória é atravessada pelo retorno.

O retorno, para Sayad (2000), é o elemento constitutivo do migrante, ou seja, a ideia ou o desejo do retorno faz parte do imigrante. Algo que pode ser efetivado, algo que pode ser desfeito pelo sujeito que se sente pertencente ao lugar de destino ou algo que pode justificar a permanência no país, aqui, no caso, fronteiriço. Nas migrações, os retornos, para Fazito (2010), desempenham duas características. A primeira é a de fundamentar “simbolicamente todo e qualquer projeto migratório”; já a segunda é de desempenhar “uma função estrutural na topologia (estruturas invariantes universais) de um sistema de migração que, muitas vezes, o particulariza num dado contexto (a circularidade da rede social da migração)” (Fazito, 2010, p. 89).

A emigração e o retorno que aqui analisamos acontece para uma região de fronteira, tanto brasileira como paraguaia, e por isso possui especificidades distintas de outros locais. O termo fronteira em si possui uma polissemia de sentidos (Albuquerque, 2009), sendo, ao mesmo tempo, um espaço fluido e de controle, plural pelos sujeitos que a atravessam e nas formas de mobilidades. Pode ser entendida em três dimensões: geográfica, política e simbólica (Baller, 2014).

Quanto às fronteiras políticas, para Albuquerque (2009), estas possuem diferentes significados elaborados pelas pessoas que vivem e experiência as travessias e controles dos Estados. O autor acrescenta que, na visão dos fronteiriços:

[...] outras fronteiras sociais são construídas através do comércio fronteiriço, das redes de amizades, familiares, de namoros e casamentos que atravessam os limites políticos. Essas fronteiras não são estáticas, mas estão em constante movimento de redefinição e negociação. Os deslocamentos dos “brasiguaios” produzem uma pluralidade de fronteiras (políticas, jurídicas, econômicas, culturais e simbólicas) entre classes, etnias, gênero, nações e civilizações. As fronteiras nacionais e sociais podem ser vistas como marcos de diferenças culturais entre as populações que se encontram em situações fronteiriças,

mas também como espaços privilegiados de contato e de trocas materiais e simbólicas (Albuquerque, 2009, p. 159).

A fronteira pode ser compreendida para esses imigrantes ou filhos de imigrantes que realizam idas e vindas entre os dois países ou retornam, estabelecendo-se nos municípios fronteiriços, por exemplo, em Foz do Iguaçu, como um recurso social, onde a fronteira é vista como um recurso para conseguir “direitos e benefícios” (Albuquerque, 2012, p.190). Existem diversas situações fronteiriças particulares que se constroem no dia a dia, em que a fronteira se torna um recurso social (Albuquerque, 2014).

Nos retornos que veremos a seguir, é na fronteira que os imigrantes conseguem acesso gratuito à tratamento médico, escola mais próxima para os filhos, trabalho, aposentadoria e cuidado a familiares já de idade que permanecem no Paraguai. Soma-se o fato de que a proximidade assegura vínculos familiares e econômicos no antigo país de destino. Se na emigração ao país vizinho, a fronteira possuía um caráter mais ligado à questão econômica, como a busca pela terra e trabalho, no retorno às motivações que levam à migração para a fronteira são múltiplas, ligadas principalmente a questões sociais.

Albuquerque (2012) ainda percebe a fronteira:

[...] como recurso e um campo de disputas, desigualdades, diferenças e de oscilações de direções. A imagem de um pêndulo que oscila de um lado para o outro as vezes permite entender as variações de preços e os movimentos dos compradores ora para um lado, ora para o outro lado da fronteira, dependendo as vezes das políticas econômicas e monetárias dos governos centrais. Entretanto, quando pensamos nas desigualdades de recursos e serviços sociais entre territórios nacionais, o ponteiro geralmente aponta em uma só direção ou se movimenta muito lentamente, ou seja, em processos de desenvolvimento social de longo prazo (Albuquerque, 2012, p. 202).

A fronteira entre os dois países é “manejada” (Flores, 2012) pela população que ali reside, buscando dentro de suas condições se beneficiar desse entre-lugar de soberanias distintas e assimétricas. Essa dinâmica acontece, muitas vezes, devido às redes. Conforme Haesbaert (2013, p. 1), as inumeráveis redes criadas entre os diversos grupos de migrantes, mostram “ao mesmo tempo a debilidade dos limites internacionais (mesmo antes da criação do Mercosul) e a potencialidade de conflitos em áreas de profunda diferenciação cultural e econômica”.

A fronteira é um recurso social para imigrantes que moram no Paraguai, paraguaios e para quem retorna. Em um primeiro momento, a fronteira agrícola será responsável pela emigração ao Paraguai. Já em um segundo momento, terá o papel de inverter o fluxo migratório, atraindo brasileiros retornados. Tanto de

um lado como de outro na fronteira, a presença de redes tem um papel importante no estabelecimento na região fronteiriça.

## As redes na emigração ao Paraguai

A emigração de brasileiros ao país vizinho que aqui analisamos, se deu na segunda metade do século XX, período em que se intensificam as estratégias geopolíticas de proximidade entre o Brasil e Paraguai, através de acordos e obras, como a ponte da Amizade e a Usina Hidrelétrica de Itaipu. Porém, essa presença expressiva de brasileiros não teve a influência somente de políticas dos dois países, mas o que houve foi “uma junção de um processo espontâneo de deslocamento populacional, devido à concentração da propriedade nos estados do Sul do Brasil, com os interesses geopolíticos dos governos brasileiro e paraguaio em controlar e desenvolver a região leste daquele país” (Albuquerque, 2009, p.141; Baller, 2014).

O processo de modernização agrícola nos estados das regiões Sul e Sudeste brasileiros, de caráter conservador (Graziano, 2002), com a introdução da mecanização e de todo o pacote tecnológico, levou a um aumento da produção do campo e à expulsão de pequenos proprietários de terras e filhos de pequenos proprietários, que diante do fracionamento das terras pertencentes aos pais, não encontravam mais possibilidades de permanência no campo, realizando assim, um êxodo rural ou uma migração para outra fronteira agrícola, como a do Paraguai (Sales, 1996; Silva, 2007).

Realidade também sentida por trabalhadores no campo, como os bóias-frias, itinerantes em várias fronteiras agrícolas no interior do Brasil (Sales, 1996), que com a mecanização foram perdendo postos de trabalho, tendo que cruzar a fronteira em busca de trabalho em terras de outros proprietários. Entre estes, houve aqueles que conseguiram pela primeira vez comprar terras.

Nesse movimento de saída do Brasil e conquista da propriedade da terra, as redes possuem um papel importante. Porém, nas trajetórias migratórias ou itinerários dos migrantes, ainda no interior do país, as redes também se fazem presentes.

No caso de José, a presença de uma rede social foi fundamental para sua migração. Com 17 anos, este deixa o interior de Minas Gerais em um contexto em que não havia oportunidades de trabalho remunerado nas terras onde realizava atividades por dia, como na capina. Através de um amigo, este emigra para Londrina, no estado do Paraná, onde havia grande oferta de trabalho no campo. José fixa-se em uma nova fronteira agrícola, que fazia parte da política governamental Marcha para o Oeste, numa região caracterizada pela presença de uma frente de expansão do café.

Vinha muita gente de Minas [Gerais] colher café e em Minas [Gerais] não tinha opção pra serviço. Era muito pouco serviço. Foi aonde eu vim pro Paraná pra colher café e pra ver se a gente arranjava uns trocos [...]. O próprio companheiro meu falou que aqui tinha mais opção de trabalho. Então, a gente veio pra Londrina pra trabalhar. Ele já tinha trabalhado aqui e tinha ido em Minas [Gerais] e ele passou a notícia pra mim. Eu achei melhor vir pra ver se a gente conseguia arranjar um jeito melhor de defender o pão de cada dia (José, Foz do Iguaçu, jan. 2019).

Constata-se, nesse caso, a influência da rede na emigração de José para Londrina, lugar que segundo o seu companheiro retornado do Paraná, teria maior oferta de trabalho. Assim sendo, identifica-se que as redes colocam à disposição diversos “tipos de recursos, sendo que os principais estão no campo das informações prévias necessárias” (Tedesco, 2022, p. 292), o que se torna importante para José conseguir trabalho em uma nova fronteira agrícola.

Em Londrina, José seguiu junto com seu companheiro na atividade agrícola, trabalhando por dia nas terras de outras pessoas, em lavoura de milho, café, rami, onde recebia diariamente, em média, de sete a 10 cruzeiros. Porém, como aponta em seu relato, foi somente trabalhando na lavoura de mamona que este conseguiu guardar um dinheiro para adquirir terras junto com o seu amigo, em Los Cedrales, no Paraguai, no ano de 1972.

Os dois tomaram conhecimento de terras para venda por meio de propagandas na rádio da firma responsável em Londrina, mas a informação apresentada pela empresa acabou os iludindo, pois esta vendia terras no Paraguai como se essas fossem de Foz do Iguaçu.

Tinha propaganda dessas terras à 14 km de Foz do Iguaçu, mas que não era nada à 14km de Foz do Iguaçu. Diz que era Foz do Iguaçu, mas quando eu fui ver, era no Paraguai. As terras muito boas. Então, a gente se animou a entrar lá, tudo meio difícil. Fomos na firma, a gente fez um contrato lá, pagamos as passagens e viemos ver as terras. E aí conforme a gente foi gostando dos terrenos, começamos a negociar. Aí pagamos 10.000 cruzeiros de entrada e ficamos devendo mais que a metade. Aí fomos trabalhando, nada tinha valor no começo e depois as coisas foram melhorando até a gente conseguir pagar (José, Foz do Iguaçu, jan. 2019).

Os dois foram averiguar a informação fornecida por essa rede de propaganda, criada entre meio de comunicação e firma proprietária das terras, que divulgava a oferta de terras no Paraguai. Observa-se, também, como esse cruze fronteiro naquele período era facilitado, dando a impressão de que se tratava de um território que fazia parte do Brasil.

Após certificar-se da qualidade das terras, adquiriram, na época, 10 alqueires de terras, na colônia de Los Cedrales, atualmente distrito, no Departamento de Alto Paraná. Nestas terras, trabalhavam juntos, dividindo os gastos e retornos do que

produziam na atividade agrícola. Essa relação de trabalho em conjunto demonstra uma estratégia para enfrentamento das diversas dificuldades encontradas e pelo pouco recurso financeiro que possuíam quando da ida ao país vizinho.

No caso de Vera, natural de Tenente Portela, Rio Grande do Sul, a questão familiar motivou e articulou a emigração ao Paraguai. Em um contexto familiar complicado, com o pai alcoólatra, a entrevistada recorda que aceitou na hora a proposta feita por um dos dois irmãos que viviam no Paraguai, onde adquiriram terras. Em San Alberto, Vera se dedicaria ao trabalho de cuidado para com sobrinho recém-nascido.

Quando a minha cunhada teve o filho dela, ela me chamou pra eu ajudar a cuidar do filho dela, aonde eu fui conhecer o Paraguai e fiquei residindo no Paraguai. Fui morar junto com os meus irmãos. Daí, um bom tempo trabalhei como empregada doméstica. Trabalhei em várias famílias (Vera, Santa Terezinha de Itaipu, mai. 2022).

Vera, em um primeiro momento, se estabelece em San Alberto, na residência de um dos irmãos, onde, além de trabalhar para a cunhada, trabalhou em outras casas de família. Alguns anos depois, essa retorna ao Brasil e passa a residir em Itapiranga, SC, onde seus pais passaram a morar. A entrevistada ali seguiu trabalhando em casa de família por dois anos até receber uma outra proposta de um irmão para retornar ao Paraguai.

Tinha uma professora que me conhecia, que me chamou para eu trabalhar com ela. Trabalhando com ela, fiquei muito tempo com ela. Criei três filhos dela, que os filhos dela nem chamavam ela de mãe, chamavam eu. Daí, com o tempo, o meu irmão do Paraguai voltou pra visitar os meus pais e me chamou: Vamos de volta para o Paraguai? Daí eu cheguei junto à professora [e falei:]. Eu tô indo embora. [Professora:] Não, eu não acredito. Eu vou te dar os estudos, o que você precisar, você fica comigo? [Vera:] Não, eu vou pro Paraguai. Aonde que eu retornei para o Paraguai. E daí fixei residência no Paraguai. E fiquei lá com os meus dois irmãos (Vera, Santa Terezinha de Itaipu, mai. 2022).

Nesse caso percebe-se como a rede familiar com o retorno do irmão articula uma volta ao Paraguai e assegura residência no lugar de destino à entrevistada. Os retornados para Fazito, “desempenham funções singulares e essenciais a todo o processo social da migração. Seja quanto aos aspectos simbólicos e de legitimação social dos deslocamentos, seja quanto aos aspectos operativos dos fluxos” (Fazito, 2010, p.98).

Já na situação de Isaura a emigração dos vizinhos amigos de seu pai em Guarani das Missões, no Rio Grande do Sul, ao Paraguai e o êxito destes compartilhado quando de seus retornos ao pequeno município acabou motivando a emigração de sua família também quando esta tinha 15 anos.

O meu pai lá também trabalhava com a agricultura, então a safra que ele colhia esse ano era pra pagar a dívida de dois anos atras. E daí, sabe, assim, tinha os amigos dele que vieram aqui pro Paraguai morar, como o seu [...]. Aí convidaram ele pra vir conhecer terras novas, porque o meu pai já tinha ido pro Mato Grosso pra olhar terras lá, tanto que até ele adquiriu lá um pedaço. E daí, quando esse pessoal o convidou para vir pra o Paraguai, o meu pai veio, viu que as terras eram boas, produtivas, aí ele diz: Não, vamos ver se vamos pra lá. Aqui [Paraguai], pra tu comprar um pedaço de terra aquela época o banco te financiava, o juro era bem pequenininho, tinha uma facilidade enorme, pra tu abrir pra lavoura também o banco te financiava a destoca toda. Então, aquela época, era época assim, de bastante facilidade e ajudas (Isaura, Raul Peña, jul. 2018).

Nesse caso, a rede social formada pelos vizinhos foi fundamental para a aquisição de terras e para acessar uma oportunidade em uma nova fronteira agrícola mais favorável às suas condições, se comparada à região Centro-Oeste onde seu pai havia adquirido terras. As referências no lugar de destino acabam aumentando a credibilidade da informação.

Nota-se, nesse caso, aquilo que aparece em outras entrevistas, o fato de o local de destino “ter bastante conhecidos”, a ideia de “um trás o outro”, “outros fizeram a cabeça para ir ao Paraguai, onde diziam ter terras boas para a atividade agrícola mecanizada”. Assim, “a imigração torna-se um fenômeno social que se autoalimenta e, uma vez desencadeada, acresce a probabilidade de desenvolver ulteriores fluxos, sendo algo *contagioso*” (Tedesco, 2022, p. 308-309).

Essas informações ou propagandas circulavam no Brasil por meio de amigos, vizinhos, conhecidos familiares e imprensa, como rádio, acabavam criando uma imagem do Paraguai como um possível “*El Dorado*”. Essa imagem estava ligada à intenção da política ditatorial do período que possibilitou literalmente a abertura das fronteiras para a presença exógena em departamentos fronteiriços com o Brasil, visando uma modernização agrícola aos moldes do que acontecia no sul do Brasil, em especial, no estado do Paraná.

Em sua fala, Isaura destaca as facilidades que os agricultores brasileiros encontravam no Paraguai, com financiamentos para compra de terras e destoca com juros baixos, o que demonstra bem essa ação do governo, em que também militares estavam ligados à compra de terras e articulavam esquemas com brasileiros para levar possíveis compradores brasileiros a cruzar a fronteira.

Nos três relatos desta seção, observa-se o papel do retornado no fomento de novos emigrantes para novas fronteiras agrícolas, tanto no norte do Paraná como no Paraguai. Além disso, observa-se a ação das redes fornecendo informação sobre oportunidades de terras e trabalhos inexistentes para os não migrantes no lugar de origem, incentivando assim a migração e o estabelecimento no Paraguai.

Mesmo na situação de retornados, segundo Tedesco (2022), as redes podem continuar, pois “o êxito do retornado induz novas emigrações de outros do mesmo local de origem, o contrário também pode ser verdadeiro, ou seja, os que retornaram, recebendo notícias positivas de quem foi, podem decidir pela volta”. Logo “são dinâmicas de um mesmo processo [...] que obedecem a lógicas que são viabilizadas pelos próprios atores sociais e por situações externas a eles” (Tedesco, 2022, p. 307), dinâmica que também se observará no retorno para os municípios fronteiriços.

Ao estudar essa migração ao Paraguai, Silva (2007, p. 14) pode perceber na colonização e reemigração:

[...] que os fluxos migratórios para novas fronteiras, como no caso do oriente paraguaio, mais do que os problemas de sucessão familiar ou de pressão demográfica, foram motivados pelo caráter acentuadamente seletivo imposto pela moderna agricultura e que nessa nova fronteira acabou recriando, num intervalo ainda mais curto, o mesmo ciclo, intensificado pelo processo de diferenciação socioeconômica que precocemente se instaurou na nova comunidade.

Ou seja, o caráter seletivo da agricultura moderna apontado pelo autor está por trás do processo de emigração ao Paraguai e do retorno ao Brasil. Assim, a fronteira agrícola que motivava a emigração de brasileiros, a maioria com menos condições financeiras, ao Paraguai irá levar a frente de expansão agrícola presente no estado do Paraná a cruzar fronteiras (Baller, 2014). Porém, como consequência, a modernização e o agronegócio no Paraguai também seletivo e desigual, de forma mais rápida que no Brasil, acabaram motivando o retorno para a fronteira de muitos brasileiros pobres, que, por sua vez, encontrarão na fronteira recursos sociais que pouco ou nada tinham no antigo país de destino.

Nos relatos vistos nesta seção, os imigrantes movem-se para fronteiras agrícolas atrativas devido às oportunidades de acesso a trabalho e a terras, graças à presença de redes, que ao realizar o retorno ao lugar de origem acabam articulando a emigração de outros sujeitos. Já no retorno, vemos que a fronteira terá o papel de inverter o fluxo migratório. Na próxima seção, analisaremos essa presença de redes no retorno para a fronteira, no estado do Paraná, espaço viável para esses imigrantes acessarem recursos sociais.

## As redes na migração de retorno para a fronteira brasileira

Na migração de retorno para os municípios fronteiriços brasileiros, identifica-se também a atuação das redes. Porém, no contexto em que estudamos, a fronteira vem a ser compreendida como um “recurso social” (Albuquerque, 2014)

para o estabelecimento e acesso a serviços públicos. Com o retorno do Paraguai, estes brasileiros buscam, muitas vezes, acessar recursos ligados à área da saúde, aposentadoria/benefício previdenciário e educação. A fronteira é um lugar estratégico para esses imigrantes, que sem muitos recursos financeiros quando da migração de retorno, se articulam em redes. Dessa forma, assim conseguem acessar as oportunidades e se reinserir.

O retorno para Vera, na fronteira, trouxe a oportunidade de refazer a sua vida. No Paraguai, esta constituiu família, possuía terras, mas viviam em uma relação conjugal muito difícil. Com o contato de uma sobrinha, conseguiu trabalho em Santa Terezinha de Itaipu, Paraná, em um Parque Aquático, rompendo de forma definitiva a relação com o esposo, deixando terras, bens e filhos no Paraguai e retornando no final de 2021.

O meu retorno pro Brasil, nossa! Chego a gaguejar. O meu retorno foi de repente [...] surgiu quando eu me separei [...], vinha se arrastando há vários anos, até que um dia tomei a coragem e meti a cara e o peito nos problemas e resolvi abandonar o casamento. Fui parar em Santa Terezinha [de Itaipu]. Eu já não aguentava ficar lá [Paraguai] nesse relacionamento, daí perto, tudo perto, vivendo perto [pausa]. Daí ela [sobrinha] disse pra mim: Tia, você não quer ir com a minha mãe? Eu pensei, pensei. Daí um dia, eu falei pra ela: Me leva pra lá! [Sobrinha]: Te levo! [Vera]: Mas me deixa conversar com a Dona [...] eu. [Sobrinha]: Não precisa conversar com a mãe. Simplesmente tu vais lá com a mãe, que tu vais se sentir melhor, tu vais lá trabalhar com a mãe e as coisas vão mudar na tua vida. Aonde eu tomei a decisão. Abandonei tudo lá e vim (Vera, Santa Terezinha de Itaipu, mai. 2022).

Vemos aqui como a presença de uma rede familiar foi fundamental para o rompimento definitivo de um relacionamento que trouxe muito sofrimento para Vera. A oferta de trabalho permitiu, através do retorno, com que esta acolhida pela rede pudesse refazer a sua vida após a separação. Conforme Santos (2021, p. 73), “a rede forma um espaço social onde é tecida uma variabilidade de ações intersubjetivas, como relações de poder, conflito, consenso, força, dissenso e sentimentos de solidariedade e compaixão”. Essa solidariedade para com a situação difícil vivida por Vera foi importante para o retorno. Este acontece para o lado brasileiro da fronteira, onde também com pouco custo e tempo pode-se cruzar e ir para o antigo país de destino e retomar ao que é seu por direito.

Essa proximidade com a fronteira também motiva o retorno de Ana e sua família em 2002. Aqui também a rede familiar favoreceu o estabelecimento em São Miguel do Iguazu, onde a sogra residia, visando a diminuição dos custos com o deslocamento para o tratamento médico, já que esta antes morava no Paraguai e se tratava no município fronteiriço brasileiro.

Voltamos pra cá porque nós viemos passear e vimos que era um lugar agradável pra sobreviver. A gente chegou aqui, daí a gente pagou aluguel por oito meses. Nós viemos em duas famílias lá do Paraguai, nós e a minha comadre. Daí a gente construiu essa casa aqui (Ana, São Miguel do Iguaçu, mai. 2022).

Observa-se nesse caso que a presença de familiares levou a escolha pelo local. Além disso, existe uma entre ajuda e solidariedade no retorno já que estes retornaram junto com mais outra família e passam a viver por alguns meses compartilhando a mesma casa. Aqui as redes sociais, “envolvem vínculos interpessoais e inter-regionais entre imigrantes e não imigrantes, porém se manifestam em várias dimensões (afetivas, amizade, familiares, territoriais, interconhecimento, dentre outras)” (Tedesco, 2022, p. 289).

Após o retorno estes passam a trabalhar na reciclagem, onde seu marido também exerceu a função de presidente da associação de papeleiros de São Miguel do Iguaçu. Na mesma atividade, havia vários imigrantes retornados do Paraguai que, junto com outros não retornados, formaram uma rede associativa de trabalho. Para Saquet e Mondardo (2008, p. 125), na migração, as redes “são tecidas através do cotidiano, das relações entre amigos, parentes e não migrantes, na igreja, no trabalho, na rua na festa, enfim, na miríade de relações sociais que vão reterritorializando o migrante no território de destino”, nesse caso, em território de retorno.

As relações sociais também possuem influência no retorno de Nelsi. Após várias migrações e idas e voltas entre Brasil e Paraguai, através de um conhecido do esposo que já residia em São Miguel do Iguaçu, esta e seu esposo saíram de San Cristóbal, Departamento de Alto Paraná, e se estabeleceram em São Miguel do Iguaçu, no ano de 2002. Este conhecido teria dito ao esposo: “Olha, lá é uma cidadezinha pequena, mas é um lugarzinho muito bom de viver, tranquilo, tem serviço, dá pra pessoa viver tranquila” (Nelsi, São Miguel do Iguaçu, mai. 2022). Com base nessa informação, o esposo de Nelsi foi visitar a cidade e acabou gostando do lugar, optando por retornar com a esposa. Através desse conhecido do esposo, o casal foi conhecendo outras pessoas e se integrando no novo lugar, o que demonstra que “os contatos são fundamentais para viabilizar os deslocamentos, principalmente entre os que já emigraram e os que pretendem” (Tedesco, 2022, p. 290).

A motivação para o retorno estava na busca por trabalho. O esposo de Nelsi trabalhava por dia no campo, enquanto esta trabalhava como diarista em casas de famílias do pequeno distrito. Como a entrevistada afirma: “Foi entrando muito maquinário. Por dia, foi acabando o serviço, né? Como foi entrando veneno e coisarada, foi quase acabando o negócio de carpir, roçar e coisarada” (Nelsi, São Miguel do Iguaçu, mai. 2022), o que tornou a situação insustentável pelo fato também destes terem que pagar aluguel na vila onde residiam.

Observa-se, nesse relato de Nelsi, as consequências do avanço da modernização agrícola e posterior ingresso do agronegócio nesses distritos fronteiriços com o Brasil. Com a mecanização das atividades agrícolas e introdução de outras tecnologias, houve um aumento dos custos para o plantio. Esse processo levou, por sua vez, a uma diminuição das atividades manuais remuneradas do campo e ao “desaraigo” (Baller, 2014) ou saída do campo de pequenos agricultores, tanto imigrantes brasileiros como paraguaios. Muitos desses buscaram, no retorno para a fronteira, o recurso social ligado à oferta de trabalho, caso da entrevistada e esposo.

Na cidade, que segundo a Nelsi, possui muitas pessoas que saíram do Paraguai, tanto retornados como paraguaios, algo comprovado por nós em pesquisas de campo. Para conseguir trabalho como diarista nos primeiros tempos esta se utilizava uma carta de referência fornecida pelas ex-patroas do Paraguai. Como afirma Nelsi:

Tinha bastante serviço [...]. Tinha boa referência [...]. Eu levava referências de lá [Paraguai] das patroas que eu trabalhei de lá. E já pequei serviço aqui e continuei trabalhando [...]. Depois do primeiro [emprego], já vem o outro que foi indicando. “Óh, fulana trabalha bem”. Mas assim, foi bem tranquilo, já pequei serviço aqui (Nelsi, São Miguel do Iguaçu, mai. 2022).

É interessante perceber a estratégia utilizada por Nelsi para conseguir trabalho, já que não era natural da cidade, por isso, totalmente estranha, o que dificultava a contratação dos seus serviços. A utilização de carta de referência das ex-empregadoras do Paraguai também denota a existência de um vínculo com o antigo espaço que permite a inserção no campo laboral no novo espaço. Porém, em seu relato, não tivemos acesso às condições de trabalho de Nelsi, somente temos acesso à forma que utilizou para consegui-los.

Quase toda a família paterna de Nelsi acabou retornando do Paraguai e se fixando próximo a ela, com exceção de um irmão que mora no Paraguai. No caso de seu irmão e cunhada, a presença da família em São Miguel do Iguaçu tornou a experiência do retorno algo natural. Dilson e Maria retornaram em 2009, motivados pelos estudos do filho, pois a escola em San Cristóbal era muito distante da fazenda onde trabalhavam e moravam, uma distância de 23 km. Além disso, as estradas na época estavam sem o empedrado, fator que dificultava e impedia a locomoção. Assim, residir na fronteira seria o recurso para diminuir os custos e a distância para o filho seguir os estudos.

Como as filhas e demais familiares já viviam na cidade, o processo de reinserção foi mais rápido. Maria: “A gente alugou uma quitinete perto dos avós. Dilson: A gente sempre vinha pra cá [...]. Chegamos aqui, praticamente tudo pronto. Em-

prego já tinha ali na empresa que estou até hoje. Foi só tocar o barco pra frente” (Dilson e Maria, São Miguel do Iguçu, jan. 2023). Diante disso, percebe-se que fazer parte de uma rede “implica oportunizar recursos e informações, o que permite ao migrante amenizar as dificuldades de sua travessia, desde sua partida até a hospedagem no local de destino e a garantia do emprego” (Santos, 2021, p. 57).

Ao se referir ao “lugar de retorno” (Romeu, 2015), a fala: “A gente sempre vinha pra cá” mostra o trânsito que o casal realizava entre os dois países antes do retorno, entre idas e vindas, para auxiliar as filhas que estudavam em São Miguel do Iguçu, algo que, por outro lado, tornou a migração de retorno para esse espaço possível.

No relato de Alcides, quanto à migração de retorno da família, ampliada com os casamentos e filhos, vemos que estes se estabelecem quase todos em Foz do Iguçu, no bairro Morumbi, formando uma espécie de clã, como constatamos no domingo em que realizamos a entrevista, onde a família estava quase toda reunida na casa que era dos pais já falecidos, residência do entrevistado. Numa espécie de “um vai trazendo o outro”, Alcides que vivia solteiro junto com seus pais foi o último a retornar junto com estes em busca de tratamento médico para o pai no ano de 1997, passando a viver em um terreno cedido pelo irmão retornado.

Alcides: Ele [irmão] combinou com o pai e a mãe e os irmãos, que ele era proprietário desse terreno aqui. Ele dava um terreno pra construirmos essa casinha aqui. Aí eu o ajudei como pedreiro, junto com o M...[irmão]. Ajudei ele a construir essa casa antes de virmos pra cá. João: O meu irmão fez essa casa aqui e tal, eu ajudei também, comprei os materiais para eles ficarem mais perto do recurso, porque quem já é de idade, assim e tal, já não é igual à pessoa mais nova (Alcides e João, Foz do Iguçu, jan. 2018).

É interessante perceber a articulação da família para o retorno dos pais já idosos para Foz do Iguçu, através da construção da casa para a qual Alcides realizava na fronteira um cruze constante até finalizar a obra. Aqui, as redes se apresentam como “estruturas socioespaciais e de pertencimento que imigrantes criam e carregam no ato de migrar e que possuem funções múltiplas e, em geral, pragmáticas no cotidiano deles, no sentido de lhes dar garantias, auxílios e dinâmismos” (Tedesco, 2022, p. 289), levando a fixação na fronteira onde poderiam encontrar mais recursos sociais na velhice.

O motivo, conforme aponta João, irmão de Alcides, também entrevistado, era deixar seus pais mais próximos do “recurso”, ou seja, do atendimento médico pelo SUS. João afirma que também incentivava seu pai, atualmente falecido, a retornar para que este conseguisse encaminhar sua aposentadoria. Nesse relato, vemos como a fronteira apresenta-se como um recurso social (Albuquerque, 2014),

pois traria para o pai do entrevistado o acesso gratuito aos serviços de saúde e a aposentadoria.

O entrevistado acrescenta que muitos acabam retornando para o Brasil pela questão de educação, saúde e em busca da aposentadoria. O fato de morar próximo da fronteira passa a ser um trunfo para esses imigrantes pobres. A gratuidade do SUS é um fator importante nesses retornos. Porém, no caso do pai dos entrevistados, devido à gravidade do problema de saúde de seu pai, este acabou vendendo a chácara da família para poder custear os tratamentos.

O retorno para os municípios fronteiriços também tem por finalidade o cuidado para com quem ficou no país de destino, como no caso de José. A motivação para o retorno estava ligada à questão dos estudos dos filhos uma vez que as escolas ficavam muito longe da casa da família, em Los Cedrales. Porém, o lugar de destino no retorno está diretamente relacionado a uma rede familiar de cuidados com a sogra, além de atender as terras do qual este ainda é proprietário em Los Cedrales.

Quando sai de lá, a minha vontade era de ir pra Londrina, gostei muito daquela região. Passei uma temporada da minha vida lá, mas como a minha sogra não andava bem de saúde, fiquei mais perto aqui [...]. Ela morava em Los Cedrales, ficava mais perto. Agora Londrina ficava mais distante [...]. O plano era ir a Londrina quando saí do Paraguai, mas por causa do pedacinho de terra que tem lá e também [...] a sogra não andava bem de saúde [...]. Então, a gente ficou aqui mais perto por causa disso (José, Foz do Iguaçu, jan. 2019).

Aqui, desejos pessoais são deixados de lado para atender uma necessidade familiar. Existe um cálculo ou avaliação antes do ato migratório. A decisão pelo retorno não é algo individual. A fronteira se apresenta como um recurso social para o estabelecimento, pois tornaria mais rápido e menos custoso o cruze até Los Cedrales, onde a sogra residente necessitava de cuidados. Atualmente, José tem uma parte da família e as terras no Paraguai, o que o leva a se deslocar constantemente para o Paraguai.

Os laços com o Paraguai são ainda mantidos entre ausências e presenças entre os dois países, através dessas redes transfronteiriças. Aqui, percebe-se que “Viver na fronteira é geralmente também viver da fronteira” (Albuquerque, 2012, p. 202). É no lado fronteiriço brasileiro que estes retornados buscaram refazer as suas vidas. Com o auxílio de diversos tipos de redes transfronteiriças, encontram oportunidades de acesso a recursos sociais não disponíveis no Paraguai. Porém, o outro lado da fronteira, para parte destes retornados, não é ignorado, pois é daqui que provém o seu sustento e onde possuem responsabilidade e vínculos afetivos.

Em forma de síntese, elaboramos um quadro que mostra os diversos tipos de redes presentes ao longo do trabalho.

**Quadro 1** – Tipos de redes nos casos de emigrações e retornos analisados

Entrevistada/os	Tipos de redes	Descrição das redes
José	Social	Constituída por companheiro/amigo que retorna para Minas Gerais e divulga a oferta de trabalho por dia em lavouras do Paraná.
	Propaganda	Constituída por meio de rádio e firma de Londrina, a fim de divulgar a oferta de terras e agendar visitas de possíveis compradores ao Paraguai.
	Trabalho associativo	Através de amigos que trabalham juntos na mesma propriedade.
Vera	Familiar transnacional	Na oferta de trabalho e moradia no Paraguai em duas migrações.
Isaura	Social transnacional	Quando os vizinhos do seu pai retornam para Guarani das Missões e informaram este da oferta de terras e acabaram levando o mesmo para o Paraguai, a fim de conhecer e adquirir terras.
Vera	Familiar transfronteiriça	Articulação entre filha que vivia em San Alberto e mãe que vivia em Santa Terezinha de Itaipu, que ofertou trabalho para a entrevistada.
Ana	Familiar transfronteiriça	Criada visando o tratamento da entrevistada que permanecia na casa da sogra em São Miguel do Iguçu. Retorno para o município em que vivia a sogra, ponto de referência para o casal.
	Social transfronteiriça	Retorno junto com os compadres e divisão do aluguel com estes por oito meses.
	Associativa	Criada entre migrantes retornados ou não no trabalho da reciclagem.
Nelsi	Social transfronteiriça	Informa os pontos positivos de morar em São Miguel do Iguçu. Carta de referência fornecida pelas antigas empregadoras do Paraguai, que ajudou a entrevistada conseguir emprego no município.
	Sociabilidade	Através do conhecido do esposo, que passa a apresentar ao casal mais pessoas, levando à integração destes no lugar de retorno.
Dilson e Maria	Familiar transfronteiriça	A presença de irmãos, pais e filhas facilita o retorno e estabelecimento do casal em São Miguel do Iguçu.
Alcides e João	Familiar transfronteiriça	No retorno dos pais para Foz do Iguçu, onde os filhos constroem uma casa para que esses tenham acesso a recursos.
José	Familiar transfronteiriça de cuidado	Possibilitou o auxílio para com a sogra que estava doente e vivia em Los Cedrales, PY.
	Econômica e familiar transfronteiriça	Presença de familiares e terras no Paraguai atualmente.

Fonte: Entrevistas realizadas entre julho de 2018 a janeiro de 2023, na modalidade presencial.

Os dados apresentados no quadro acima nos dão uma ideia do quanto os processos migratórios, mesmo os de curta distância que acontecem na fronteira,

são permeados pela presença de redes. Entre estas redes percebe-se que as redes familiares são as que mais predominam, articulando a emigração e o estabelecimento destes sujeitos no espaço fronteiriço.

## Considerações finais

Conclui-se, com base nos relatos dos entrevistados, que em um primeiro momento, o retorno articulado a redes familiares e sociais tem um papel importante na emigração ao Paraguai, pois acaba incentivando o deslocamento de outros conterrâneos familiares ou não que buscam adquirir terras e trabalho na nova fronteira agrícola criada no país vizinho, o que demonstra que a emigração para aquele país não é somente consequência das ações políticas dos dois países.

A fronteira tem o papel importante dentro dos processos migratórios desses sujeitos. Se na emigração, a oferta de terras nessa nova fronteira agrícola era algo atrativo para esses imigrantes, no retorno à fronteira, inverte o fluxo migratório, fazendo com que os migrantes que foram para o Paraguai retornem, pois para esses sujeitos, os recursos sociais existentes nessa fronteira, como saúde, educação e aposentadoria, entre outros, passam a ser mais atrativos do lado brasileiro. A fronteira é o recurso social para esses imigrantes sem muitos recursos econômicos refazerem suas vidas após o retorno. A fronteira tem a capacidade de mobilizar o retorno, mas isso só é possível nos casos apresentados graças às redes, fundamentais nesse processo.

Nas entrevistas, identificamos a presença de redes sociais e na grande maioria familiares, ligadas à relação de trabalho, tanto na emigração como no retorno; redes na informação sobre a oferta de terras; redes de entreatajuda, que dividem os custos com aluguéis; redes associativas na atividade agrícola no Paraguai e no trabalho da reciclagem no retorno; redes familiares de cuidado na fronteira, que favorecem a assistência no Brasil e no Paraguai. Ou seja, as relações que estes sujeitos constroem, possibilitam as migrações e mobilidades na fronteira, espaço estratégico para estabelecimento e, ao mesmo tempo, mostram a agência e protagonismo destes imigrantes nos processos migratórios de ida e, mais especificamente, de retorno do Paraguai.

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), conforme Portaria no. 206 de 04 de setembro de 2018. Este trabalho é parte do desenvolvimento de nossa pesquisa de doutorado que tem financiamento da (CAPES). Agradeço também

ao Prof. Dr. Marcos Mondardo (UFGD) pela orientação fundamental para o presente artigo.

## Referências

- ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. **Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai**. 2005. 265f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.
- ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais. **Horizontes Antropológicos**, v. 15, n. 31, p. 137-166, jan./jun. 2009.
- ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. Limites e paradoxos da cidadania no território fronteiriço: O atendimento dos brasiguaios no sistema público de saúde em Foz do Iguaçu (Brasil). **Geopolítica(s)**, v. 3, n. 2, p.185-205, 2012.
- ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. Migrações em territórios fronteiriços: a experiência cotidiana entre legislações nacionais, fronteiriças e regionais. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 38., 2014, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu, MG: ANPOCS, 2014.
- BALLER, Leandro. **Fronteira e fronteiriços: a construção das relações sociais e culturais entre brasileiros e paraguaios (1954-2014)**. 2014. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2014.
- FAZITO, Dimitri. Análise de redes sociais e migração: dois aspectos fundamentais do “retorno”. **RBCS**, v. 25, n. 72, p. 89-176, 2010.
- FLORES, Mariana Flores da Cunha Thompson. **Crimes de fronteira: a criminalidade na fronteira meridional do Brasil (1845-1889)**. 2012. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- FREIRE-MEDEIROS, Bianca; LAGES, Mauricio Piatti. A virada das mobilidades: fluxos, fixos e fricções. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 123, p.121-142, dez. 2020.
- GNOATTO, Vanucia. **Migrações, Trajetórias, Retornos: imigrantes brasileiros no Paraguai (1970-2018)**. 2020. 195p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2020.
- GRAZIANO, José da Silva. **O novo rural brasileiro**. 2. ed. Campinas: IE/Unicamp, 2002.
- HAESBAERT, Rogério. **Regiões transfronteiriças e redes “brasileiras” no Mercosul** (2013). Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal8/Geografiasocioeconomica/Geografiaregional/04.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2023.
- ROMEU DE SOUZA, Thiago. **Lugar de Origem, Lugar de Retorno: a construção dos territórios dos migrantes na Paraíba e São Paulo**. 2015. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.
- SALES, Teresa. Migrações de fronteira entre o Brasil e os países do Mercosul. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 1, n. 13, p. 87-98, mar. 1996.
- SANTOS, Gislene Aparecida dos. Redes e território: reflexões sobre a migração. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (Orgs.). **Redes, sociedades e territórios**. 3. ed. rev. e ampl. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2021. p. 53-80.
- SAQUET, Marcos Aurélio; MONDARDO, Marcos Leandro. A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais. **Revista NERA**, v. 11, n.13, p. 118-127, jul./dez. 2008.
- SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno, elemento constitutivo do migrante. **TRAVESSIA - Revista do Migrante**, p. 7-10, jan. 2000.

SILVA, Henrique Manoel. **Fronteiriços**: as condicionantes históricas da ocupação e colonização do oriente paraguaio. A região de Katueté, no Departamento de Canindeyú 1970-2000. 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Mulheres trabalhadoras rurais: trajetórias e memórias. **RURIS**, São Carlos, v. 4, n 2, p. 13-43, set. 2010.

TEDESCO, João Carlos. **Imigração no Sul do Brasil**: Transnacionalismos, sociabilidades. Passo Fundo: Acervus Editora, 2022.